A VIOLÊNCIA NEURONAL PRESENTE EM "A METAMORFOSE" DE KAFKA E UMA ANÁLISE SOBRE O ADOECIMENTO DOCENTE.

Autores: Malu Marcondes de Castro Anizelli, Camila Beltrão Medina.

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil marcondesmalu03@gmail.com, camila.medina@univap.com.br.

Resumo
O artigo examina a conexão entre a alegoria de esgotamento em A Metamorfose, de Franz Kafka, a teoria da violência neuronal de Byung-Chul Han e o cenário de adoecimento mental que professores enfrentam hoje. O artigo procura mostrar como a mudança de Gregor Samsa em inseto serve como símbolo precoce dos sinais de Síndrome de Burnout, ansiedade e depressão na era do desempenho e do neoliberalismo. O artigo usa uma revisão integrativa e crítica, juntando ideias filosóficas, sociológicas e dados sobre a saúde dos professores. Os resultados e a discussão mostram que a racionalidade neoliberal, a exigência de produtividade sem pausa, a plataforma de ensino e a perda de tempo transformam o professor num operário funcional e descartável, refletindo o colapso e a despersonalização kafkiana. O artigo conclui que o sofrimento docente vai além de um problema individual, formando uma violência sistêmica que faz parte da organização do trabalho no capitalismo contemporâneo.
Palavras-chave: Adoecimento docente. A Metamorfose. Byung-Chul Han. Síndrome de Burnout. Violência neuronal.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Educação.

Introdução

Escrita em 1912 e publicada em 1915, a obra de Franz Kafka reflete as tensões de uma sociedade moldada pela consolidação industrial e pela burocratização da vida. É fundamental analisar como esse contexto histórico molda o teor existencialista da novela: a Europa do início do século XX serviu de palco para transformações sociais e culturais que são traduzidas, de forma subjetiva e metafórica, na tragédia de Gregor Samsa. Samsa, um caixeiro-viajante, desperta metamorfoseado em um inseto monstruoso. Sintomaticamente, sua preocupação imediata não recai sobre sua nova condição física, mas sobre o atraso para o trabalho. Como único provedor do lar, ele personifica a alienação do sujeito que, mesmo colapsado, permanece prisioneiro da lógica da produtividade.

Essa narrativa ficcional encontra uma ressonância direta nas reflexões do filósofo Byung-Chul Han em sua obra Sociedade do Cansaço (2015). Han diagnostica que o século XXI não é mais regido prioritariamente pelo paradigma disciplinar e viral de proibições externas, mas sim por um excesso de positividade e pela exortação contínua ao rendimento. O indivíduo deixa de ser apenas um sujeito da obediência para tornar-se empresário de si mesmo, engajando-se em uma auto exploração voluntária. Quando a coerção externa é substituída pelo imperativo do "poder fazer", a impossibilidade de manter o ritmo produtivo resulta em infartos da alma e distúrbios psíquicos graves, entre os quais desponta a Síndrome de Burnout.

No cenário educacional brasileiro, essa dinâmica adquire contornos alarmantes. O magistério tem sido marcado por uma sobrecarga avassaladora de atribuições pedagógicas e burocráticas, desvalorização salarial, assédio institucional e cobranças incessantes por metas e avaliações de desempenho. O professor, concebido pelo sistema como uma engrenagem de produtividade ininterrupta, vivencia frequentemente a supressão de sua própria subjetividade e bem-estar. Tal como Gregor Samsa, que é destituído de sua dignidade humana no instante em que seu corpo entra em colapso e perde a capacidade de produzir, os docentes enfrentam um processo de desumanização ao adentrar as salas de aula e as instituições de ensino.

Diante dessa problemática, o presente estudo tem como objetivo principal analisar criticamente o adoecimento docente à luz do conceito de violência neuronal formulado por Byung-Chul Han, estabelecendo um paralelo hermenêutico com a alegoria de A Metamorfose de Kafka. Busca-se

demonstrar que o colapso de Gregor Samsa antecipa simbolicamente o esgotamento por Burnout no trabalho pedagógico, evidenciando as raízes estruturais da precarização e desumanização do trabalho na contemporaneidade

Metodologia

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico e reflexivo, desenvolvida mediante os procedimentos metodológicos da revisão de literatura integrativa e da análise hermenêutica comparativa. A abordagem proposta fundamenta-se na triangulação conceitual entre três eixos temáticos: a crítica literária da obra A Metamorfose de Franz Kafka, o aparato teórico-filosófico de Byung-Chul Han em Sociedade do Cansaço e a literatura contemporânea sobre a saúde mental e a precarização do trabalho docente no Brasil.

Para a fundamentação do sofrimento psíquico no magistério, foram selecionadas publicações indexadas nas bases SciELO, PePSIC e periódicos de Educação e Saúde Coletiva publicados entre 2018 e 2026, com ênfase em diagnósticos da Síndrome de Burnout, transtornos de ansiedade, depressão e assédio moral institucional. A análise das fontes documentais e bibliográficas operou por meio da categorização temática, identificando convergências entre os processos ficcionais de desumanização de Gregor Samsa e os relatos empíricos do adoecimento docente decorrente da violência neuronal da sociedade do desempenho.

Resultados

A síntese analítica dos dados bibliográficos e das categorias interpretativas permitiu mapear as aproximações conceituais entre a novela kafkiana, a filosofia do cansaço e o cotidiano do trabalho docente. A Tabela 1 sistematiza os eixos de convergência entre a alegoria literária de Gregor Samsa e a realidade socioprofissional dos professores.

Tabela 1 - Matriz de convergência analítica: Kafka, Byung-Chul Han e a Realidade Docente.

Eixo de Análise	A Metamorfose (Kafka, 1915)	Sociedade do Cansaço (Han, 2015)	Realidade do Trabalho Docente
Causa do Adoecimento	Rotina extenuante de caixeiro-viajante e dívida familiar sufocante.	Excesso de positividade, autoexploração e imperativo do desempenho.	Sobrecarga de trabalho, acúmulo de jornadas e cobrança por metas estéreis.
Manifestação do Colapso	Metamorfose em inseto asqueroso e paralisia corporal.	Infarto da alma, Síndrome de Burnout e depressão profunda.	Exaustão emocional, despersonalização e estresse crônico incapacitante.
Relação com a Instituição	Invasão do gerente à casa e desconfiança imediata da firma.	Submissão voluntária e liberdade coercitiva ("poder fazer").	Assédio moral por gestão, vigilância algorítmica e cobrança de metas.
Impacto Subjetivo	Perda total da humanidade e descarte da figura improdutiva.	Redução do ser humano a *animal laborans* e máquina exaurida.	Desumanização em sala de aula, invisibilidade social e abandono profissional.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os resultados revelam que o esgotamento vivenciado pelos educadores não decorre de fraquezas individuais, mas sim de uma engrenagem institucional que prioriza métricas quantitativas em detrimento do sentido existencial e humanizador do ato pedagógico. A transformação em inseto monstruoso espelha a despersonalização, um dos pilares clínicos do Burnout docente. A síndrome de Burnout continua sendo o transtorno mais frequentemente diagnosticado entre professores, sendo

caracterizada por intensos sentimentos de exaustão emocional, despersonalização e uma persistente sensação de baixa realização profissional, conforme enfatizado por Diehl e Marin (2016).

Discussão

A análise comparativa entre A Metamorfose, de Franz Kafka, e a obra de Byung-Chul Han revela como o sofrimento psíquico dos professores é fruto de uma violência estrutural. Essa violência está diretamente ligada ao modelo socioeconômico contemporâneo. Em Kafka, Gregor Samsa vive sob a tirania do relógio, do trem das cinco da manhã e do medo constante de ser demitido sem aviso. Quando acorda transformado em um inseto, seu primeiro pensamento não é sobre a anomalia biológica de seu corpo. Ele se preocupa com a impossibilidade de cumprir o dever laboral e com o julgamento que sofrerá da gerência da firma.

De forma semelhante, como aponta Alessandro Macedo (2026), a narrativa kafkiana mostra como a racionalidade da sociedade capitalista transforma os indivíduos em apêndices funcionais de uma estrutura impessoal de valorização econômica. Nesse processo, o trabalho perde a capacidade de ser um espaço de autorrealização. A subjetividade de Gregor só é reconhecida enquanto ele gera provisões financeiras. Assim que seu corpo se desintegra e ele deixa de ter utilidade mercantil, ele é isolado, violentado pelo próprio pai e descartado como lixo pela família e pela firma.

Essa jornada de anulação subjetiva e deterioração física tem paralelo direto no que se conhece como Síndrome de Burnout, vista como o ponto mais alto da violência contra o ser humano na sociedade do desempenho. Segundo Han (2015), o Burnout não é apenas um cansaço temporário. É o que acontece quando a alma se desgasta e o eu se queima por causa do excesso de positividade e da pressão constante por produtividade. Na literatura sobre saúde dos professores, Diehl e Marin (2016)apontam que essa síndrome se forma a partir de três dimensões: exaustão emocional profunda, despersonalização e sensação constante de não realizar o que se espera. A despersonalização representa, de fato, a tradução psíquica de uma transformação kafkiana: ao entrar na escola, o professor perde muitas vezes sua identidade humana e se torna uma peça mecânica, fria e rígida para aguentar o ambiente hostil. Quando o esgotamento chega ao limite e a capacidade de trabalhar desaparece, a instituição tende a abandonar o funcionário com a mesma indiferença com que a empresa tratou Gregor Samsa, vendo o trabalhador doente apenas como um problema a ser removido rapidamente.

Essa engrenagem patogênica se instala profundamente sob o amparo da racionalidade neoliberal (Dardot e Laval, 2016). Byung-Chul Han (2015) explica que o sujeito contemporâneo, transformado em “empresário de si mesmo", vive sob a ilusão da soberania, internalizando a coerção externa como uma forma de autoexploração voluntária: o agressor e a vítima são, na verdade, a mesma pessoa. No magistério, como mostram Jardim e Marques (2026), essa lógica se transforma em uma “autoexploração consentida", na qual o constante apelo à resiliência individual, à polivalência e à entrega sacrificial leva os docentes a aceitarem, como norma, madrugadas de planejamento, correções que nunca acabam e a invasão do espaço privado pelas demandas escolares que vão além do expediente. Assim, o tempo livre é sistematicamente expropriado e a vida contemplativa é aniquilada pelo flexitempo — uma armadilha conceitual destacada por Sennett (2009) e Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2018) —, deixando o professor sem descanso reparador, sem espaço para o pensamento lento e, consequentemente, sem saúde psíquica.

Aprofundando essas mutações no contexto brasileiro, o estudo de Silva et al. (2025) mostra que o trabalho docente está passando por uma nova fase de precarização. Isso acontece com a crescente digitalização da educação e a implementação da governança digital (Digital Education Governance). A introdução de ecossistemas digitais voltados para gestão e vigilância, como o Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) e os painéis de Business Intelligence (Super BI), reforça uma lógica de Estado-Avaliador neoliberal. Os professores, nesse cenário, são obrigados a lidar com dezenas de plataformas ao mesmo tempo e a aplicar aulas padronizadas com slides pré-prontos. Essa realidade os afasta da autonomia pedagógica, transformando-os em meros operadores de plataformas e fornecedores de dados estatísticos. O controle constante por meio de algoritmos e a obsessão por metas quantitativas, muitas vezes sem sentido real, aceleram o processo de uberização do trabalho docente (Antunes, 2018, 2020). Esse modelo fragmenta os vínculos coletivos entre os docentes, intensifica o sentimento de ineficácia e contribui para a despersonalização do trabalho, fatores que alimentam o Burnout.

Silva et al. (2025) alertam que a obrigatoriedade de gerenciar dezenas de plataformas e aplicar aulas padronizadas em slides prontos despoja o professor de sua autonomia criativa e pedagógica, convertendo-o em um mero "operador de plataformas" e alimentador de dados. Essa vigilância algorítmica contínua gera um ambiente permanente de estresse e controle, no qual o valor do trabalho docente é mensurado por métricas frias de acesso e índices quantitativos. Há aqui um processo análogo ao que Ricardo Antunes (2018, 2020) denomina de uberização do trabalho: uma fragmentação de vínculos e intensificação de demandas que subtraem o sentido humanizador do trabalho pedagógico e aceleram o adoecimento mental da categoria.

A realidade concreta dessa violência sistêmica e desse esgotamento profissional no dia a dia escolar é confirmada de forma clara pelos resultados da pesquisa do professor Rodney Querino Ferreira-Costa, publicada em 2018. No estudo epidemiológico feito com 163 docentes da rede pública do Vale do Paraíba, usando os Inventários Beck de Ansiedade (BAI) e Depressão (BDI), os pesquisadores descobriram que 58% dos professores já mostravam sinais claros de adoecimento mental. Do total, 27% estavam nos níveis moderado a grave de ansiedade e/ou depressão. Esses números são muito mais altos que as médias nacionais e internacionais sugeridas pela Organização Mundial da Saúde.

O estudo de Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2018) também mostrou que 58,9% da amostra tinha histórico de uso de medicamentos psicotrópicos para controlar sintomas de insônia, irritabilidade, impaciência e desânimo crônico. Os autores mostraram de maneira clara que há correlações estatisticamente significativas entre a saúde mental dos educadores e fatores estruturais da organização laboral. Esses fatores incluem falta de recursos pedagógicos, baixos salários, desrespeito que os educadores sentem e, principalmente, falta de tempo para planejar e ensinar os conteúdos curriculares na sala de aula.

Byung-Chul Han explica que a violência neuronal não se manifesta por agentes infecciosos externos ou proibições verticais clássicas, mas pela compulsão ao rendimento máximo. O sujeito moderno, transformado em empresário de si mesmo, não necessita de um feitor visível; ele internaliza a disciplina e explora a si mesmo com a ilusão de estar exercendo sua autonomia. No campo da educação, essa autoexploração se traduz na adesão a jornadas multiplicadas, prazos impraticáveis, preenchimento de formulários burocráticos infindáveis e resposta a mensagens instantâneas fora do horário de trabalho. O tempo existencial é totalmente colonizado pelo tempo de trabalho, resultando naquilo que Han designa como a perda da *vita contemplativa*.

Na docência, como discutem Jardim e Marques (2026), essa lógica neoliberal reconfigura as relações laborais através de uma "autoexploração consentida", onde a cobrança constante por engajamento, competências e resiliência faz com que os professores internalizem a responsabilidade pelo sucesso institucional. O magistério passa a conviver com a invasão do tempo pessoal pelo tempo de trabalho, o que Sennett (2009) e Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2018) conceituam como a armadilha do *flexitempo*, extinguindo a *vita contemplativa*, o descanso reparador e o espaço para a reflexão crítica.

Aprofundando a discussão sobre as transformações contemporâneas do capitalismo, o estudo de Silva et al. (2025) demonstra que o trabalho docente enfrenta uma nova e agressiva fronteira de precarização no Brasil: a plataformização da educação e a governança digital (*Digital Education Governance*). A imposição de ecossistemas digitais gerenciais — como o Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) e painéis de *Business Intelligence* (Super BI) — materializa a lógica do Estado-Avaliador neoliberal.

Dessa forma, a articulação entre a tragédia kafkiana de Gregor Samsa, a sociologia crítica de Byung-Chul Han e os achados empíricos de Ferreira-Costa demonstra, portanto, que o adoecimento mental no magistério não representa uma fragilidade individual ou falha de adaptação, mas sim o resultado inescapável de um sistema capitalista e neoliberal que precariza o trabalho, anula a subjetividade e responsabiliza o próprio trabalhador pelo seu colapso psicofísico.

Conclusão

A correlação interdisciplinar entre A Metamorfose de Franz Kafka, a teoria da violência neuronal de Byung-Chul Han e as investigações empíricas e sociológicas sobre a precarização docente revela que o sofrimento psíquico no magistério é de natureza eminentemente sistêmica. Gregor Samsa permanece como a metáfora viva do trabalhador coisificado e exaurido que, ao perder a capacidade produtiva sob a tirania do capital, é rotulado como monstro disfuncional e abandonado à morte.

No cenário educacional atual, a penetração da razão neoliberal e das ferramentas de plataformização intensifica o controle algorítmico, expropria o tempo do professor e promove uma

autoexploração crônica. Os dados alarmantes compilados pela pesquisa do professor Rodney Ferreira-Costa (2018) atestam que as salas de aula brasileiras se tornaram espaços de proliferação de ansiedade, depressão e Burnout.

Desmistificar o adoecimento mental docente como fracasso pessoal e reconhecê-lo como sintoma de uma engrenagem socioeconômica precarizante é um imperativo ético e político. Torna-se urgente a superação da lógica gerencialista e o resgate da autonomia e da dignidade docente, garantindo condições estruturais de trabalho, jornadas justas com tempo para a *vita contemplativa* e uma práxis pedagógica verdadeiramente humanizadora e emancipatória.

Se torna imperativo, portanto, que as políticas educacionais e as redes de ensino superem ações paliativas e promovam transformações estruturais profundas. A garantia de jornadas compatíveis com o descanso, planos de carreira dignos, suporte psicológico institucional contínuo e o resgate da dimensão humanizadora da docência constituem exigências urgentes para restituir a dignidade ao ofício de ensinar e evitar que novos educadores sucumbam à trágica metamorfose do esgotamento.

Referências

CALDAS, Fabiana Botelho et al. Adoecimento mental em professores de escolas públicas no Brasil. **Cadernos de Educação**, v. 24, n. 1, p. e2025-007, 2025.

CARLOTTO, Mary Sandra et al. Prevalência de afastamentos por transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho em professores. **Psi Unisc**, v. 3, n. 1, p. 19-32, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, 2016.

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 357-368, 2018.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

JARDIM, Carolina; MARQUES, Ana Paula. “Sociedade do cansaço”, morfologias do trabalho e autoexploração: Um roteiro de leitura crítica. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 54, p. 161-187, 2026.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MACEDO, Alessandro. Reflexão sobre A Metamorfose de Franz Kafka. **Revista Sapientia**, Quixadá, v. 2, n. 1, p. 1-09, 2026.

SILVA, Afranio de Oliveira; MENEZES, Paula Cristina Santos; ESTEVES, Thiago de Jesus; SANTOS, Teresa Cristina Salles. Plataformas digitais e a precarização do trabalho docente: a nova fronteira do neoliberalismo na educação pública. **Entropia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 126-148, 2025.

TOSTES, Maiza Vaz et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 87-99, 2018.

VIEIRA, Carlos Eduardo Carrusca. Sociedade do cansaço: reflexo da sociedade capitalista de razão neoliberal. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 25, 2022.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Educação — não apenas como campo de estudo ou profissão, mas como a mais nobre manifestação da esperança humana. Em tempos em que o mundo nos convida à pressa, à indiferença e à frieza dos números, é no chão da escola e no encontro pedagógico que insistimos em cultivar a vida, o afeto e o pensamento crítico.

Agradeço a cada professora e a cada professor que, mesmo diante do cansaço extremo, das salas cheias e das ausências estruturais, escolhe diariamente a coragem de humanizar. Aos que resistem ao apagamento de sua própria voz para dar voz aos outros; aos que enxergam a beleza na infância e na descoberta; e aos que transformam o gesto simples de ensinar em um ato de profunda resistência e amor ao mundo.

Aos meus mestres e orientadores, que guiaram este percurso acadêmico com generosidade e escuta atenta, ensinando-me que a verdadeira ciência não se faz isolada da sensibilidade humana.

Aos meus colegas de caminhada, parceiros de angústias e de sonhos, com quem aprendi que ninguém constrói caminhos sozinho.

E, finalmente, àqueles que justificam cada palavra aqui escrita: as crianças e os estudantes. Que nunca percamos de vista que educar é, acima de tudo, acolher o tempo do outro e acreditar que um futuro mais justo, sensível e verdadeiramente humano é possível.

A todos que fazem da docência um sopro de vida e dignidade, o meu mais sincero e comovido muito obrigado.